

Em reunião semanal ordinária da S.R.B., realizada a 14 de Dezembro findo, inicialmente o sr. Raphael Salles Sampaio a focalizou a delicada situação que atravessa o mercado de café, notadamente a praça de Santos, por falta de medidas de defesa de competência do Governo. Tal é a falta de amparo por parte das autoridades, que a situação se apresenta cada dia mais séria, caindo a exportação e os preços a níveis em desacordo com a estatística do produto, causando preocupações à cafeicultura. Fato sintomático referido pelo orador é a oferta de cafés finíssimos a baixas cotações, naquela praça, havendo grande desânimo entre os exportadores. Concluiu o sr. Salles Sampaio suas palavras apelando para que a Rural insistia junto às autoridades competentes, pela medidas que a situação do café está a reclamar.

— No mesmo sentido, manifestou-se o deputado Silvestre Ferraz Egreja, sugerindo um movimento amplo da cafeicultura junto ao Governo Federal, pela adoção urgente dessas medidas prementes, em decorrer da lavoura cafeeira. Discorreram ainda sobre o mesmo assunto os srs. Antonio Bento Ferraz e Plínio Brotero Junqueira, este acrescentando comunicação de ter percorrido há dias todo o sul de Minas, onde verificou uma safra pendente diminuta, em contraposição à excelente safra passada.

— O sr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque, com a sua costumada habilidade em tratar assuntos cafeeiros, ocupou-se longamente da questão dos remanescentes prováveis da safra em curso, que não poderiam ser exportados até 30 de Junho do ano que vem, mas que encontrariam fácil colocação no mercado da futura safra, com a qual se combriam, num nível de preços provavelmente um pouco mais favoráveis do que o actual. Foram analisadas pelo orador várias sugestões apresentadas, para evitar uma oferta desordenada ou precipitada desses mesmos excedentes, problema que está sendo ventilado para que, na ocasião propícia, possa ser resolvido satisfatoriamente.

— Na presidência, o dr. Piza Sobrinho aludiu às palavras dos srs. Raphael Salles Sampaio, Plínio Cavalcanti e Albuquerque

que e à sugestão do deputado Silvestre Ferraz Egreja, em torno das medidas que a situação do café está exigindo, declarando que a Sociedade Rural Brasileira, pelos canais competentes, já fizera sentir ao Governo toda a gravidade da situação, mas a inércia governamental, devido à anormalidade das instituições políticas, perdura e a lavoura cafeeira permanece apreensiva ante perspectivas pouco animadoras.

Lembrou ainda o dr. Piza Sobrinho que a Junta Administrativa do I.B.C. já encaminhara ao Ministro da Fazenda, em documento sigiloso, elaborado por uma comissão especial de que fez parte, em companhia do sr. Raul Diederichsen, as sugestões julgadas mais oportunas para debelar a crise, medidas cuja aplicação deveria ser imediata, o que não foi feito, restando neste sentido pouca esperança, ante a afirmação do sr. Mário Câmara de que as providências cabem ao futuro governo que deverá empossar-se dentro em breves dias.

Apezar disso, continuou o dr. Piza Sobrinho, a Sociedade Rural Brasileira não se desinteressou da solução do sério problema, e tudo tem feito no sentido de que as medidas sugeridas sejam adotadas ainda pelo governo actual, pois, no caso, a procrastinação, será altamente ruinosa, não só para os produtores, comerciantes, como principalmente para a própria Nação.

A posição estatística do produto é boa, os nossos concorrentes ainda não puderam entrar no mercado com todo o potencial de suas safras do corrente ano, e o estoque norte-americano é irrisório em comparação aos anos anteriores, bem como os preços são considerados satisfatórios pelos consumidores. — faltando, apenas, ação decisiva do nosso governo para restabelecer a tranquilidade e a confiança de que carece o mercado para se manter firme e em plena e salutar atividade. E finalizou, o dr. Piza Sobrinho, declarando que a entidade que preside permanecerá na estacada, reiterando esses apêlos até que medidas sejam adotadas, seja pelo actual ou pelo futuro governo, em defesa da sacrificada cafeicultura nacional.

MARIO DE SOUZA QUEIRÓS

Na Holanda, encontram-se na Europa, as melhores condições para a boa vaca leiteira.

O literal paulista tem, ao que parece, os melhores requisitos para a formação de ótima raça Zebú leiteira. Terras ótimas, mais chuvas que no interior do Estado, com muitos águas bem distribuídas, atmosfera úmida, temperatura não muito fria nem tão quente como no interior de São Paulo, sem geadas nem formigas saúvas e o bom porto de Cananéia e o Ribeira de Iguape para o transporte.

Uma bezerra Zebú, dum criação comum, sempre bem alimentada, crescerá muito e devido ao seu grande tamanho e desenvolvimento dos órgãos da lactação, será melhor leiteira que as vacas de criação usual, suas crias se avantajarão ainda mais já ao nascer, no crescimento e na produção de leite, o que ainda se dará em gerações seguintes.

Fazendo-se uma seleção inicial das Zebús leiteiras, nos rebanhos existentes, esclarece-se como rapidamente se obterão bons rebanhos Zebús leiteiros. Dando leite muito superior e mais economicamente que as vacas holandesas e esse gado bem criado ainda terá maior capacidade digestiva, isto é, produzirá mais carne e leite que o gado em geral, com a mesma alimentação.

O Brasil poderá ser o maior exportador de carne do mundo, com um valor igual ao da exportação de café, (Klein & Sacks) e com o melhoramento do Zebú leiteiro poderemos ser exportadores de bovinos leiteiros e de todos os seus produtos derivados, leite, carne, manteiga, queijo, caseína, etc., sem concorrência em qualidade e custo de produção, para o bem do povo e grandeza do Brasil.

Zootecnistas nossos entendem que a Zebú será a melhor vaca leiteira dos trópicos, o que não pode ser contestado.

Estatísticas oficiais mostram-nos que os produtores de leite de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro têm gado Zebú, mestiças de Zebú e raças leiteiras especializadas. No entanto nosso governo mais se interessa pelo gado Caracú e pelas raças especializadas da Europa que não se adaptam nos trópicos.